

**Memórias Coletivas e Processos Colaborativos:
o caso do filme *A Life In a Day*¹**Vanessa Amália Dalpizol VALIATI²**Resumo**

Este trabalho tem o intuito de resgatar conceitos que dizem respeito à construção da memória coletiva, e, ao mesmo tempo, aplicá-los à sociedade atual, cada vez mais tomada pela cultura participativa e pelos sites de redes sociais. Para tanto, abordamos aspectos da construção de sites *wiki* e analisamos o site *Youtube* como um repositório de memória audiovisual. Os objetos escolhidos para a análise foram o filme “A vida em um dia” (Ridley Scott e Kevin McDonald, 2011), construído a partir de imagens captadas coletivamente.

Palavras-chave: Memória coletiva. Participação. Youtube.

Introdução

Em tempos de uma sociedade cada vez mais interconectada e da permeabilidade entre os espaços real e virtual, um conceito discutido por Turkle (2006), o sentido mais tradicional e linear de memória, as lembranças divididas em passado, presente e futuro passam a conviver com a construção de uma memória coletiva virtual. A partir da intensificação da cultura da participação e da colaboração em rede, os repositórios de memória virtual são abastecidos quase à exaustão e a presença dos indivíduos nos sites de redes sociais se torna um fator importante para a interação com a comunidade.

Maurice Halbwachs (1990) afirma que a natureza da memória é social e associativa, visto que as nossas lembranças estão atreladas a imagens e pensamentos que nos prendem aos homens e aos grupos. As memórias individuais e coletivas estão em constante interação:

¹ Trabalho apresentado no DT 05 Rádio, TV e Internet do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – PUCRS. E-mail: vanessa.valiati@gmail.com

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios. (p.50)

A nossa memória, segundo ele, também é respaldada pela memória dos outros, ou seja, quando nos apoiamos também sobre a lembrança dos outros, a nossa confiança da exatidão da nossa evocação será maior, “como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (1990, p. 25). O autor, que criou essa teoria nas primeiras décadas do século XX, quando a memória ainda era entendida apenas como individual, usa como exemplo o fato de nos encontrarmos com um amigo de infância que há muito não vemos. Nesse caso, a construção da memória se torna mútua, invocando lembranças comuns das quais cada um se recorda em partes.

Santos (2003) estudou a fundo a obra de Halbwachs e do psicólogo Frederic Bartlett, que também trata do viés interativo da memória. Ela conclui que, para ambos os autores, a memória é sempre coletiva, resultante das interações do presente. Para eles, a memória faz parte de um “processo social em que os indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros, ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas” (p.33). Assim, a autora enfatiza que, enquanto para Halbwachs os indivíduos recordam por meio de um quadro social, Bartlett estabelece que há razões e intenções na construção de suas memórias.

A partir desses argumentos, Pollak (1989) cria o conceito de “enquadramento da memória coletiva”, que parte do pressuposto de que essa memória é um fenômeno construído, consciente ou não. Para o autor a memória comum tem duas funções básicas: manter a coesão interna e defender as fronteiras do que um grupo tem em comum, o que significa fornecer um quadro de referências. A memória enquadrada é produção de discursos em torno dos acontecimentos e dos grandes personagens. Para o autor, os monumentos, museus e bibliotecas são rastros materiais desse enquadramento. Pollak também explica que elementos da memória coletiva se formam a partir de “acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992 *apud* CASADEI, 2009, p.203).

Virilio (2006), anos mais tarde, concorda que não há memória que não seja coletiva. O indivíduo em uma comunidade virtual é um elemento de interação e a internet permite uma interação viva, que tem maior relação com o tempo do que com o espaço. “A verdadeira memória não é mais aquela dos fatos, mas torna-se aquela de uma ação que tem lugar instantaneamente e que é uma interação” (p.92).

O autor trabalha com a ideia da memória de um tempo presente, uma memória viva em que “tudo é agora” (2006 p. 93). É um paradoxo da vida moderna, pois a ideia que temos de memória é de lembrança, de um tempo passado. Entretanto, na era virtual, a partir das diferentes tecnologias e da velocidade da informação, tudo acontece no momento, sugerindo um “efeito de lupa”, ou seja, ao invés de desaparecer, como acontece normalmente, o presente se dilata e parece se estender por mais tempo.

Neste trabalho também se torna relevante resgatarmos rapidamente o conceito de “lugar de memória”, definido por Pierre Nora (1993). Para o autor, a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza se dá pela sensação de aceleração da história. Assim, o sentimento de estabilidade e continuidade fica atrelado aos locais.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas porque essas operações não são naturais (1993, p.13).

Os lugares de memória, segundo o autor, são lugares que produzem efeitos material, simbólico e funcional, ou seja, um lugar de aparência material só é considerado lugar de memória se estiver envolvido em uma aura simbólica. São espaços formados a partir de monumentos, personagens e/ou narrativas.

Casadei (2009) explica que, quando Nora cunha o termo “lugar de memória”, ele se refere a determinados arranjos culturais nos quais nós imaginamos o nosso próprio passado a partir de práticas representacionais que definem concepções específicas de identidades. A aceleração e ausência a que Nora se refere encontram a teoria de Akoun (2006) sobre o contexto em que vivemos, no qual há uma superabundância de informações, imagens e de palavras, que fazem com que o tempo e o sentido se apaguem e o esquecimento triunfe.

No entanto, Turkle (2006) afirma que na contemporaneidade, o papel da

memória nas diferentes comunidades será diferente. Comunidades virtuais terão um tipo de lugar de memória, comunidades físicas terão outros e as novas comunidades sugeridas pela autora, físicas e virtuais, terão outros ainda. Portanto, há a ideia de que, com a ubiquidade da informação e a difusão do acesso à rede, memória e lugar estão desconectados.

Mitchell (2006) explica essa perda de interesse no lugar a partir da história. No início, a arquitetura era considerada como um verdadeiro repositório de memória, os prédios e monumentos inscritos, pinturas, esculturas. No século XX isso passou a conviver com o rádio e a TV, e atualmente, temos as redes e a internet, que se tornaram cruciais. No entanto, o autor lembra que nenhum desses meios desapareceu, apenas passaram a conviver uns com os outros. Hoje, as instituições como igrejas, governo e universidades criam websites como se criassem monumentos no passado.

Memória e inteligência coletiva

Para Lévy (2006), o espaço de comunicação aberto pela internet trouxe consigo uma paisagem mental coletiva baseada em áreas de interesse, paixões e competências que contam mais do que a localização geográfica do indivíduo. Ele se refere à existência de uma memória viva, enriquecedora e em movimento constante.

O autor aborda a construção a uma memória que surge a partir da inteligência coletiva, resultado da interação entre os membros de um grupo, e uma constante apropriação, como as discussões em fóruns ou ainda, a criação de um hipertexto colaborativo. Nestes casos, as mensagens são arquivadas e classificadas, permitindo um retorno ao tema sempre que necessário e isso vai auxiliando a construção de uma “memória de grupo mais estruturada e sintética” (2006, p. 273).

Nesses casos, a memória surge da interação entre os membros do grupo. Essa é uma memória viva e dinâmica, pois é constituída pelos procedimentos técnicos, intelectuais, sociais, afetivos de seleção ao de uma base de registro. Para o autor, são esses procedimentos que constituem a memória. Assim, “o registro não é o valor em si. O que vale é a inteligência coletiva se autonutrindo” (2006 p. 273). Afinal, os registros dependem da maneira que vamos utilizá-los.

No processo de formação da inteligência coletiva, segundo Lévy, o importante

é que cada indivíduo carrega a memória da linhagem à qual pertence e encontra-se com outras linhagens, e assim sucessivamente. É a variabilidade de memórias que enriquece o trabalho em comum.

Estamos pois, frente a processos de construção de novidades ou de invenções, ou de elaborações, que são coletivos que reúnem pessoas vindas de horizontes diferentes cada vez mais e mais. É uma das fontes da fecundidade cultural contemporânea, aquela que produz constantemente alguma coisa de original, nova, singular. As pessoas que participam desse processo se enriquecem pessoalmente. (LEVY, 2006, p. 282-283)

Desta forma, no ciberespaço, inúmeros exemplos dessa construção colaborativa são provenientes dos processos de *crowdsourcing*, que pode ser definido como um modelo de criação e/ou produção baseado em redes de conhecimento coletivo para solucionar problemas, criar conteúdo ou inventar novos produtos de forma colaborativa (HOWE, 2009). A *Wikipédia*³, por exemplo, é uma enciclopédia escrita de forma colaborativa com leitores e grupos interessados. A plataforma é um sistema criado para se tornar um repositório de conhecimento compartilhado. O site funciona a partir de uma divisão espontânea do trabalho, composta de contribuições individuais, geralmente pequenas, feitas por milhares de colaboradores que desempenham funções diferentes. Um usuário cria um artigo, sem precisar ser especialista no assunto e, em seguida, a comunidade de leitores o completa. Shirky (2012, p. 117-118) explica que

[...] um *wiki* é um híbrido de ferramenta e comunidade. A Wikipédia, como todos os *wikis*, cresce se um número suficiente de pessoas se importarem com ela; do contrário, morre. Essa última função faz parte de qualquer *wiki* em funcionamento, mas não do software *wiki*, e sim da comunidade que o utiliza. [...] Os *wikis* oferecem aos grupos meios para trabalharem juntos e defenderem o futuro deste trabalho, mas isso só é possível quando a maioria dos participantes está comprometida com esses resultados.

Sob uma perspectiva humanista, Lévy afirma que a coesão destes grupos se dá pela formação de laços. Não apenas os laços hipertextuais (links), mas tudo o que agrupa as pessoas nos espaços em que vivemos: espaços econômicos, afetivos, etc. Esses laços são criados a partir de um trajeto de conhecimento e lembranças individuais e podem ou não se tornar públicos. O autor lembra que essa não é uma

³ No Brasil a Wikipédia já conta com mais de 500 mil artigos. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 18 nov. 2012.

oposição entre coletivo e individual, mas sim de uma memória quase universal, que engloba todas as outras memórias, individuais, coletivas, grupais, de rede.

Turkle (2006) também aborda a questão da interação como fator de coesão de uma comunidade. Partindo do pressuposto de que, nas comunidades online e fóruns de discussão há um sentimento de acolhimento, o que a autora chama de “poder duradouro de uma comunidade online”. Quando as pessoas estão online e participam de uma comunidade virtual, segunda ela, elas estão lá para responderem aos outros, e é essa experiência coletiva e sensação de disponibilidade que dá poder a uma comunidade.

De toda forma, os pensadores da memória contemporânea têm em comum a ideia da valorização do esquecimento. Para eles, o esquecimento e a desconexão são tão importantes quanto à criação de memória. Hoje, com as técnicas de armazenamento, recuperação e registro disponíveis, as estratégias de gravação estão auxiliando a comunidade na construção de suas memórias (MITCHELL, 2006).

O excesso e a rapidez das informações contribuem para o processo de esquecimento. Nesse aspecto, Lévy (2006) estabelece que é muito bom que possamos esquecer. Nesse caso, o sistema de localização das informações e o caminho de acesso são mais importantes do que o estoque de informações. “O problema não é registrar, e, sim, de buscar, localizar, interpretar sintetizar, selecionar, reler e até mesmo eliminar: é exatamente isto que a nossa memória animal faz” (p. 272).

Memórias construídas coletivamente

Os sites de redes sociais permitem a expressão em rede e podem ser definidos como o conjunto dos atores e suas relações (RECUERO, 2009). Nestas plataformas as narrativas podem ser construídas espontaneamente, como por exemplo, a linha do tempo no *Facebook*, que registra a movimentação dos usuários e seus amigos, ou ainda, os rastros deixados no *Foursquare* e a narração de eventos no *Twitter*, onde a partir de narrativas individuais, acaba-se construindo uma grande narrativa coletiva.

No caso de redes que funcionam com imagens, como o *Instagram*, que teve seu uso estimulado pela queda nos custos de celulares com câmeras e internet e outros

dispositivos móveis, além de ser um centro agregador de memória, é uma nova forma de apropriação do lugar, que gera vínculos. Cunha (2011) explica que nesses casos, a narrativa do tempo presente se transforma em camadas de memória sobre o espaço narrado e o sentido do lugar passa a existir também pela narração do outro.

Assim, nos concentramos mais especificamente no *Youtube* enquanto uma grande plataforma de comunicação e relacionamento *online*, de amplo alcance, que tem promovido elos entre o local e o global, o individual e o coletivo, o amador e o comercial e tem incitado a participação através de produções e expressões culturais das mais diversas, como afirmam Burgess e Green (2009).

À época de seu lançamento, o *Youtube* tinha como objetivo inicial facilitar o compartilhamento de vídeos através de uma interface simples, tornando obsoletas uma série de restrições técnicas vinculadas à compatibilidade dos sistemas e formatos de produção de vídeo digital. Três anos depois o site foi comprado pelo Google e tornou-se um dos mais acessados do mundo⁴. Do *slogan* inicial “*your digital video repository*”⁵ o *Youtube* (após ter sido comprado pelo Google e sido difundido amplamente) passou a veicular o “*broadcast yourself*”⁶ que continua até hoje. Com isso, informava uma mudança no seu foco de plataforma de compartilhamento pessoal para um site dedicado à expressão pessoal. No *Youtube*, os criadores agem como participantes, uma vez que, divulgados os seus vídeos eles não têm mais controle absoluto sobre os mesmos, nem sobre sua circulação e distribuição junto às inúmeras audiências. Do corriqueiro “*broadcast yourself*”, o site pode ser revelado como um sistema cultural dinâmico e intermediado; um espaço comunicativo; um site de cultura participativa (JENKINS, 2009); uma plataforma comercial e ao mesmo tempo amadora; uma plataforma com ampla potencialidade comercial; um agregador e repositório de conteúdos; uma rede social, na qual se formam e competem grupos e comunidades com diversos interesses. No entanto, o *Youtube* acima de tudo é um empreendimento comercial, construído e alimentado também por práticas e cocriações de suas audiências, de indivíduos comuns (PEREIRA; VALIATI, 2012)

Segundo Green e Burgess (2009), a chave para o sucesso do *Youtube* está na maneira como o site funciona, coordenando a criatividade individual com a coletiva e

⁴ Para ver números e estatísticas acesse < http://www.youtube.com/t/press_statistics>. Acesso em 15 nov. 2012.

⁵ Tradução da autora: “Seu repositório de vídeo digital”.

⁶ Tradução da autora: “Transmita-se para o mundo”.

permitindo a qualquer um comunicar-se, transmitir-se, produzir seus próprios significados e torná-los visíveis a todos, cada um pode ter seus dois minutos de fama.

As atividades coletivas de milhares de usuários, cada qual com seus entusiasmos individuais e interesses ecléticos, resultam em um arquivo verdadeiramente vivo da cultura contemporânea formado a partir de uma grande e diversa gama de fontes. (BURGESS; GREEN, 2009, p.120).

A cocriação e colaboração dos indivíduos é uma das premissas para compreendermos o *Youtube* e sua importância como um repositório de memórias audiovisuais. Na plataforma, produções raras, que não são mais encontradas em videolocadoras e estão esgotadas nas distribuidoras, são postadas por colecionadores e fãs, ou ainda, as próprias distribuidoras disponibilizam o material, alimentando assim a memória virtual e trazendo para o presente produções que estavam esquecidas.

Desta forma, o filme *A vida em um dia* (Ridley Scott e Kevin McDonald, 2011)⁷ pode nos servir como exemplo base para a discussão que se faz atual hoje, entre a relação da cultura da participação e da construção de uma memória coletiva.

Uma produção de alcance mundial do diretor Ridley Scott, em conjunto com a *National Geographic*, LG e do próprio *Youtube*, a obra contou com a participação de cerca de 80 mil participantes oriundos de 192 países diferentes e resultou em 4.500 horas de gravação. Ou como aponta o texto de lançamento do filme: “Uma experiência cinematográfica histórica para criar um filme documentário acerca de um único dia na Terra”.

No início de 2010, a campanha foi lançada: no dia 24 de julho do mesmo ano, as pessoas deveriam registrar em forma de vídeo um fragmento do seu dia ou o que achassem interessantes (o pôr do sol, nascimento, casamento e etc.) e responder a algumas perguntas (O que você ama? Do que você tem medo? O que você carrega nos bolsos?) e enviar para o canal específico no site *Youtube*. A intenção era ser o primeiro filme do mundo feito com a colaboração dos usuários e funcionar como uma cápsula do tempo, configurando-se como o registro de uma época a partir das imagens mais interessantes e originais.

⁷ Disponível em < <http://www.youtube.com/user/lifeinaday> >. Acesso em 10 nov. 2012.

A iniciativa obteve êxito e estreou mundialmente em janeiro de 2011 no próprio *Youtube* (depois de passar pelos festivais de cinema e salas comerciais). Todas as imagens recebidas pela equipe de produção, mesmo que não utilizadas se encontram no canal próprio do site, com acesso liberado.

É inegável que o filme é parte de um processo colaborativo. No entanto, é importante levantar algumas questões que surgem quando relacionamos o material com as ideias dos autores supracitados. Tendo em vista os processos de roteirização e edição, será que podemos afirmar que se trata realmente de uma construção instantânea de memória coletiva? A obra poderia retratar com fidelidade o espírito da época? Ou ainda, até que ponto a interferência de elementos externos (como no caso, as perguntas preestabelecidas) podem influenciar no conteúdo enviado pelos colaboradores?

Virilio (2006) coloca a narrativa como fator imprescindível para a existência de uma memória coletiva. “Não pode haver memória se não há algo para contar” (p. 103). Para o autor, o vídeo e as imagens em geral têm esse poder narrativo. A narrativa existente nesse caso vem de pessoas diferentes, no mesmo espaço de tempo, e dilatadas a partir de uma presentificação da memória.

Nesse caso, também pode-se apontar uma certa curiosidade dos espectadores, em ver o cotidiano de outras pessoas e um certo exibicionismo de quem produz os vídeos. Ou ainda, nota-se a tirania do observador e do exibicionista, explicada por Virilio (2006, p. 101):

Com as *webcams*, as câmeras de vigilância etc., nós somos cada vez mais confrontados com uma televigilância global, na qual o fato de poder mostrar o que se produz no mundo, no instante presente, produz uma ‘marcha do olhar’ com as características de uma televigilância doméstica, de panóptico dos tempos modernos. (...) democratizamos o voyeurismo em escala planetária.

O filme também apresenta certo enquadramento da memória coletiva, de acordo com a teoria de Pollak (1993) já abordada neste texto, pois se trata de um fenômeno construído conscientemente, tanto no que diz respeito à produção, quanto à edição e finalização da obra. Os discursos são produzidos a partir dos acontecimentos enviados pelos indivíduos. De acordo com a construção do editor/diretor, alguns

quadros acabam por indicar situações que poderiam levar a uma crítica à sociedade mesmo que a intenção dos produtores das imagens não fosse essa.

Diferentemente das narrativas espontâneas produzidas em sites de redes sociais, a obra apresenta a formação de uma história conduzida por perguntas-chave, que orientam a edição. Poderíamos afirmar também que a técnica de captação para garantir a qualidade do vídeo também foram primordiais para a escolha das histórias.

Ainda assim, por manter as imagens brutas em repositório aberto (o *Youtube*) podemos afirmar que, ainda que haja uma diferença entre a espontaneidade característica da geração de memória coletiva nas redes e a construção de memória a partir da participação coletiva, a obra contribui para uma presentificação do momento vivido, que, a cada acesso retoma aquelas imagens e as torna atuais novamente.

Considerações finais

Nos processos colaborativos, pelo descrito até o momento, podemos observar pelo menos duas formas de construção de memória coletiva, uma que se realiza através de narrativas espontâneas e, quando agrupadas, podem ser recuperadas dando origem a uma narrativa (verbetes da *Wikipédia*, narrações de eventos via *Twitter*) e outra, estimulada pelo próprio processo de participação, que pode estar vinculado a empresas ou projetos específicos (o filme *A vida em um dia*) que conta com a disponibilidade dos usuários.

O que diferencia as duas, sem dúvida, é a forma de construção da narrativa. Uma é enquadrada (POLLAK, 1989) de acordo com um discurso já estabelecido e a outra se dá de maneira espontânea. Pelo exposto anteriormente, o *Youtube* e outras redes sociais, invariavelmente, com seus usos e apropriações particulares, podem ser considerados lugares de memória. São lugares cheios de simbolismo e formados quase que exclusivamente por narrativas pessoais e novas apropriações que se transformam em memórias coletivas.

A participação coletiva nas redes é parte da construção desta memória viva e do presente que é construída a cada acesso. No caso dos *wikis* percebemos claramente a formação de uma memória que surge da interação e da coesão entre os indivíduos, que nasce da disponibilidade e do altruísmo dos membros em ajudar-se mutuamente.

Percebe-se assim, que os lugares de memória foram virtualizados e, com a utilização dos aparatos de tecnologias móveis e das técnicas de armazenamento registro e recuperação (como as *hashtags* que organizam as redes sociais, por exemplo), os conteúdos podem ser acessados e revisitados virtualmente pelos membros pertencentes à determinada comunidade.

Assim, a partir do momento em que abastecemos a rede, colocamos tudo isso em um grande repositório de memórias. Esse excesso de informações talvez possa gerar uma nova forma de poluição e, por isso, os autores falam da importância do esquecimento, para que se tenha um tempo para a reflexão.

A questão da formação de uma memória do presente é inevitável na atualidade quando se trata da cibercultura, e, além do mais, a própria pós-modernidade faz com que haja uma tendência de retorno e remodelação do que estava esquecido. O presente fica arraigado no passado. Assim, Turkle (2006, p. 299) enfatiza o novo status dos objetos de memória atuais e nos faz refletir: “Nossa história não é baseada em páginas empoeiradas, páginas podres. Nossa história não está inscrita no papel que se desintegra. Ela está bem ali, na mesma forma que os acontecimentos atuais (...)”.

Referências

AQUINO, M. C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: Um estudo das tags na organização da web. **E-compós**, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/15ecompos09_MariaClaraAquino.pdf>. Acesso em 18 jul. 2011.

AKOUN, A. Sobre o tempo. In CASALEGNO, Federico. **Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BURGESS, J. GREEN, J. **Youtube e a Revolução Digital**. Como o Maior Fenômeno da Cultura Participativa está Transformando a Mídia e a Sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CUNHA, M.R. A memória na época da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115 jul./dez. 2011. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/22062/14313>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Vértice, São Paulo, SP, 1990.

HOWE, J. **O poder das multidões: Porque a força da coletividade está modelando o futuro dos negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo, SP: Aleph, 2009.

LÉVY, P. A memória como processo no tempo presente. *In* CASALEGNO, Federico. **Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MITCHELL, W. J. Lugares, Arquiteturas, Memórias. *In* CASALEGNO, Federico. **Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NORA, P. Entre memória e História – A problemática dos lugares. *In* **Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUCSP**, p.7-28. São Paulo, SP. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>> Acesso em 02 nov. 2012.

PEREIRA, G.; VALIATI, V.A.D. O Youtube e a Cultura da Participação: novos contextos e possibilidades de redemocratização cultural através da cultura popular midiaticizada. *Revista COMTEMPO*. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/view/8115/7707>>

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Brasil, n.2, jun. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 04 nov. 2012.

SANTOS, M. S. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Anablumme, 2003.

SHIRKY, C. **Lá Vem Todo Mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TURKLE, S. A memória na tela. *In* CASALEGNO, Federico. **Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina. 2006

VIRILIO, P. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. *In* CASALEGNO, F. **Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.